

Paixões e Maos Instinctos.

Prologo.

As impressões externas produzidas pelos
seus objectos correspondentes, dão origem
a certos movimentos ou sensações que
~~se chamam~~^{têm} o nome de paixões, e quanto
que, estas impressões, são ou não agra-
dáveis, o individuo affaga ou repelle
o objecto que as produziu; não pelo
objecto em si considerado; mas sim
pelas impressões que elle provoca.

Ora, como bem se vê, não é o objecto,
senão as impressões que elle provoca nos
nos órgãos correspondentes, que causam
este agrado ou repulsaõ.

Além disto, é preciso considerarmos
que todas estas movimentas ou sensações,
são, se queram espontaneamente e
independente tanto por parte da intelli-

LM 0094

PAIXÕES E MAUS INSTINTOS

Prólogo

As impressões externas produzidas pelos seus objetos correspondentes dão origem a certos movimentos ou sensações que tem o nome de paixão e, segundo que, estas impressões são ou não agradáveis, o indivíduo afaga ou repele o objeto que as produziu, não pelo objeto em si considerado; mas sim pelas impressões que ele provocou.

Ora, como bem se vê, não é o objeto, senão as impressões por ele provocadas nos órgãos correspondentes que causam este agrado ou repulsão.

Além disto, é preciso considerarmos que todos estes movimentos ou sensações se operam espontaneamente e independente tanto por parte da inteligência quanto da vontade.

A paixão, portanto, é um movimento mais ou menos violento que quando se apodera do indivíduo o impressiona de um modo agradável ou desagradável, produzindo no físico modificações mais ou menos notáveis que se manifestam pelo concupiscível ou o irascível. E é precisamente a estas modificações que damos o nome de paixões, sinônimo de sentimento ou sofrimento.

Não obstante isto, costumamos atribuir à alma as modificações que as paixões soem suscitar no físico; porque, estando a alma unida substancialmente ao corpo todas estas modificações orgânicas vão se refletir na alma; assim como os movimentos da alma provém por sua vez da alma; assim como os movimentos da alma podem, por sua vez, redundar no físico.

E não só por este motivo, mas ainda porque, sendo a alma a parte mais nobre do composto humano, a ela costumamos atribuir tudo quanto no homem se passa, ainda que os fenômenos tenham por sujeito o corpo humano informado pela alma.

As paixões, bem ordenadas e orientadas, constituem um precioso meio para nos elevarmos diante de Deus e progredirmos na perfeição cristã. Infelizmente, porém, não sucede assim, porque a maior parte dos homens se servem do corpo para dar expansão às suas paixões e maus instintos. No que revelam a maior e a mais temerária ingratidão, qual é a que eles manifestam, servindo-se do corpo para dar expansão às suas paixões e maus instintos.

No que revelam a maior e a mais temerária ingratidão, qual é a que eles manifestam, servindo-se do corpo para ofender a Deus e sacrificar o seu bem estar espiritual.

E este opúsculo tem por fim remediar enquanto é possível, sob o influxo da graça, as tristes conseqüências da culpa de origem, procurando restabelecer aquele equilíbrio sobrenatural, entre o corpo e a alma do qual depende nosso bem estar espiritual tanto no seu tempo como na eternidade.

Capítulo I - Manifestações do estado mórbido da alma

A falta de compostura no vestir, no andar, e no externar-se pelo gesto, pela palavra e a expressão do semblante, revela quase sempre a moral do indivíduo que, em geral, coincide com um estado mórbido físico ou somático.

No primeiro caso, o indivíduo procede conscientemente, muito embora, sob a ação de uma espécie de uma alucinação passageira, que outra coisa não é, senão um reflexo do estado de sua alma.

No segundo caso, ele age como um ser inconsciente ou quase inconsciente por falta do perfeito equilíbrio das suas faculdades orgânicas ou inorgânicas.

Quando estes dois estados se reagem um sobre o outro, o indivíduo, não só chega até as fronteiras do lícito, porém vai ainda mais longe, ultrapassa estas divisas, rompe com as conveniências sociais, tornando-se por este mesmo fato, intolerável.

Pelo que, o exagero e apuro anormais, principalmente no vestir, revelam um natural muito propenso ao mal ou que tende ao mal, levado por um sentimento atávico ou (?) de família, que o impele a voltar ao lado de onde ele surgiu, e que depois de um ciclo miserando(sic), ainda mesmo através de várias gerações, costuma a manifestar-se não raras vezes, com maior intensidade e requinte, a não ser que se trate de pessoas francamente neuropáticas ou doentias.

Pelo que, logo após as primeiras manifestações da tendência do mal, sobre tudo se tratando de pessoas taradas, é necessário com tempo, obstar a nascente propensão ao mal, ainda que inconsciente; mas que sobre formas várias, cada qual mais capciosa e disfarçada, soe manifestar-se sem que as pessoas incumbidas da sua educação levem a mal, pela estima e alto conceito que fazem destas criaturas, dignas de melhor sorte, principalmente se são boas e mostram um certo pendor para a piedade.

A graça, que nunca falta e os meios humanos apropriados, podem com grandes vantagens, remover tais obstáculos, que as arrastariam ao mal, e, não raras vezes, antes de o conhecerem, para mais tarde, constituírem uma segunda natureza.

Capítulo II - Sobre o apetite sensitivo e intelectual

O corpo, informado pela alma, tendo, instintivamente, como o bruto, ao objeto que o impressionou, sem absolutamente se preocupar do que possa haver de lícito ou ilícito; de estético ou antiestético, contanto que, nosso objeto, perceba alguma causa que lhe convém, levado exclusivamente pela lembrança do prazer material pré-adquirido ou instintivo. E porque não é só o corpo nem só a alma que percebem e sentem no homem; mas sim, o mesmo homem, que resulta da união substancial e física da alma com o corpo, qualquer modificação ou alteração que se dê na alma ou corpo, o homem ressentir-se-á e de tal maneira que perfeitamente, mediante uma ação reflexa, conhecer, não só que percebe e sente; mas ainda distinguir estas modificações e classificá-las, segundo que elas tem por sujeito a alma ou o corpo.

Ora, estas impressões, tanto parte do homem superior como de inferior, contrárias a lei divina e a razão; e que se dão independentemente da vontade humana, outrora não existiam, porque a vontade por sua natureza, como ainda hoje, tendia somente ao bem, porém, depois da culpa de origem, ela só não pode tender ao bem, mais ainda ao mal, porque permanece igualmente livre.

Mas não obstante isto, pelo fato dela poder tender ao bem por sua natureza, ser-nos-á possível prosseguir-lo, contanto que, tendo em mente a lei divina e atendendo aos ditames da razão, nos colocamos em condições favoráveis para reagirmos contra as paixões desordenadas e os maus instintos. Porque, neste caso, a graça comunicar-nos-á aquela força que a culpa original no-la arrebatou; afim de que, reprecitados pelos merecimentos de Jesus Cristo, possamos voltar ao primitivo estado de graça e retidão, que ainda mesmo que se estenda às imperfeições inerentes à nossa natureza decaída, ser-nos-á possível agir indiretamente sobre elas, e exercer o mais amplo domínio que o homem é capaz de exercer sobre si mesmo.

Capítulo III - Tendências do homem

O homem, pelo fato de ser um composto de alma e de corpo, sente-se inclinado, como animal, ao particular e concreto e, como ser racional, ao imaterial e universal.

E é nesta dupla inclinação que encontramos a razão, porque o homem, apesar de ser uma criatura racional, sente-se inclinado, como o animal, a tudo o que se refere a própria conservação e a da espécie, verificando-se o mesmo com relação ao imaterial e espiritual, não obstante ele participar da natureza do animal.

As tendências, tanto do apetite sensitivo como do intelectual, consentâneos a sua natureza, bem orientadas, podem contribuir para seu bem estar e felicidade; quando, porém, desordenadas, só poderão contribuir para sua ruína e infelicidade; ainda que sejam em si boas, e com mais razão, se forem más; porque a felicidade do ser está precisamente em se aproximar cada vez mais da perfeição inerente a sua natureza. Pois, as tendências desregradas do apetite sensitivo engendram as paixões propriamente ditas, as quais tem sua origem nos maus instintos que de nossos primeiros pais; assim como os pecados da inteligência tem a sua origem no apetite intelectual mas orientado.

Capítulo 4 - O mau hábito

O mau hábito constitui uma como segunda natureza, que reforça e facilita as más tendências que consigo acarretou a culpa original. E é bastante, muitas vezes, um só ato para o formar ou adquirir-se.

O mau hábito quando inveterado, não poderá ser vencido sem uma graça especial de Deus e um supremo esforço de nossa vontade. Porque, em geral, ele pressupõe uma perturbação das faculdades, ocasionadas pelas excitações [abruptas] que o objeto ou imaginado, soe produzir, deixando o indivíduo em um estado quase que anormal, embora consciente, no qual a intensidade da paixão desordenada suplanta o poder inibidor da vontade e o arrasta ao mal. Não obstante isto, ele é culpado, a não ser que o contrário; porque ele podia pela experiência do passado, prever perfeitamente que muitos atos para outrora indiferente; para ele, pelo mau hábito adquirido, constituía uma ocasião próxima de pecar.

Julgar, porém, se ele passou ou não gravemente, não é tão fácil. Em todo caso, se por qualquer motivo independente de sua vontade, ele entrou logo em tentação e não reagiu, podendo e devendo reagir, é preciso dizer que pecou; e no caso contrário, é

necessário que o classifiquemos entre as impulsionados naturais ou diabólicos; principalmente quando ele tem consciência que, não podendo resistir fisicamente, resistiu moralmente, isto é, como a vontade.

Capítulo V - Conseqüências do mau hábito

O mau hábito, contrário à natureza, constitui uma verdadeira perversão dos mais nobres instintos, que acompanhará o indivíduo por toda parte e por toda a sua existência, se se tornar crônico ou inveterado. Porque, ele será para o indivíduo uma(sic) como segunda natureza reza; porque a perversão, principalmente do instinto da procriação, revela uma perturbação das faculdades intelectuais que o podem levar até a demência e à alucinação; principalmente se o meio e as ocasiões forem favoráveis para produzirem a explosão de más paixões e maus instintos não bem contidos.

Muitos entre eles negam com juramento os atos degradantes por eles praticados; e há outra que quando são apanhados em flagrante, calam humilhados e cheios de confusão, ou confessam [rapidamente] seus crimes.

Em geral, tais indivíduos ou vão parar em uma cadeia ou em um hospício de alienados, ou acabam seus dias miseravelmente, porque se tornam públicos e notórios e detestados pela sociedade, que os repelem como seres abjetos e perigosos, porque por onde passam contaminam o ambiente, fazendo causa comum com outros seres como eles também degenerados.

Capítulo VI - A culpa original e suas conseqüências

O homem que, antes da culpa original, era semelhante aos anjos, em suas tendências e aspirações, depois desta queda tão fatal, tornou-se um ser assaz complexo e materializado; cuja nota dominante é mostrar-se, muitas vezes, mais inclinado ao mal do ao bem.

Assim é que, depois da prevaricação de nossos primeiros pais, caminhando por esta terra com passos incertos e vacilantes, ele se esforça para libertar-se das conseqüências da culpa original, porém, em vão. Porque quando, abandonado a si próprio, e sem outro norte a não ser o que lhe ofereça o tríplice inimigo da humanidade,

qual nave desarvorada, irá de encontro aos escolhos do mar proceloso da vida. E é realmente triste contemplá-lo neste luta ingente em que, a culpa de origem, o arrojou. Porque, conquanto decaído do primitivo estado de graça, há ocasiões em que, ele se transfigura pela dor e o amor, e dá a conhecer que tem consciência que não foi criado para o tempo, mas sim para a eternidade.

Sublime feitura do onipotente, plasmada ainda nas alvoradas da criação à sua imagem e semelhança; ele não podia deixar de sentir-se inclinado a procurar a sua felicidade senão em Deus. E não obstante isto, alucinado, a procurar nas criaturas. Mas, bem presto, convencido do seu erro, voltar-se-á para Deus, qual filho pródigo; porque, criado por Deus para si, angustiado, viverá sempre o seu coração enquanto nele não se resolva a repousar tranqüilamente.

Capítulo VII - Sobre o homem animal e o racional

O corpo humano animado pela alma age e reage. Pelo que, quando abandonado aos recursos da própria natureza decaída, e sem outra direção a não ser a do seu instinto animal, agirá por conta das más paixões, tal qual como se fora vitalizado por uma alma semelhante a do bruto, e com mais acerto e eficácia, porque a sua estimativa ou discernimento participa dos atributos das faculdades da alma dos seres racionais.

Sucedará, então, com ele o que se dá com um veículo sem condutor. Deixar-se-á levar por caminhos desconhecidos, muito acidentados e assaz perigosos.

Pelo que é necessário fazermos violência a nós mesmos, porque o homem animal, por mais feroso e aparentemente indomável, com o auxílio da graça, da boa vontade e da perseverança; não só pode, mas deve ser domado e subjugado pelo homem racional. Porquanto, se no homem, a vontade intelectual se deixar dominar pela vontade sensitiva sem o apetite sensitivo, acabará por pactuar com a vontade sensitiva, confundindo-se com os seres irracionais.

Capítulo VIII - As duas tendências

Há, em cada um de nós duas tendências; uma que nos inclina ao bem e a outra ao mal. E se Jesus Cristo, nosso adorável Redentor, não tivesse baixado dos céus à

terra, a humanidade seria fatalmente absorvida pelo vórtice que a culpa original provocou e que, desde esse dia, até antes da vinda do Messias, parecia querer tragá-la e aviá-la para as antros infernais.

Daí, os gemidos, do Apóstolo dos gentios, quando, no intuito de reduzir o seu corpo ao mais severo dos cativeiros, o castigava, para que, pregando a Jesus Cristo, não viesse a perder-se, como alegava por humildade.

E tão grandes e contínuas eram as investidas que lhe fazia o tríplice inimigo do homem que chegou a dizer que desejava morrer para se libertar do cárcere da matéria e unir-se intimamente com Cristo. Que um outro homem assim se externasse, não nos surpreenderia; mas que Paulo assim o tenha dito, é o que, não só nos admira, mas ainda nos enche de pavor e nos faz tremer. Pois Paulo que fora arrebatado aos céus; Paulo, a quem Jesus Cristo convertera na estrada de Damasco; Paulo, o Apóstolo dos gentios, de quem Jesus Cristo se servirá para dilatar o seu reino sobre a terra; Paulo, numa palavra que fora confirmado em graça; externar-se, não obstante isto, desta forma; eis aí o que não poderíamos compreender nem acreditar, se as Sagradas Páginas não nos afirmassem. E se é Paulo, apesar de tão favorecido, tão santo, tão mortificado e tão cheio de abnegação, aprouve a Deus que ele sofresse as tristes conseqüências da culpa original; não nos devemos surpreender que para a purificação e santificação de nossas almas Deus permita que experimentemos as conseqüências destas tendências e rebelião da carne contra o espírito.

Capítulo IX - A concupiscência

É a concupiscência um desejo ou movimento desordenado, que quando tem por sujeito a inteligência, constitui o pecado do espírito, e quando por sujeito o corpo informado pela alma, constitui o pecado da carne. A origem da concupiscência, a encontramos na culpa de Adão; porque, antes que ele prevaricasse, ela não existia nem podia existir; porque tudo no homem, tanto em relação ao seu corpo como à sua alma e às suas faculdades, era bem ordenado; por quando criara Deus o homem em estado de graça e retidão.

Mas se era boa a alma com todas as suas faculdades, se era bom também o corpo todas as suas tendências, porque pecou Adão?... Porque a sua vontade se tornou deficiente.

Mas não era também boa sua vontade?

Antes da culpa, ele exercia um domínio absoluto sobre si. A sua vontade estava sujeita a do homem animal, a qual somente operava, quando o homem racional o determinava, e no tempo e pelo tempo que ele o determinasse, e sem absolutamente perturbar ou agitar o seu psiquismo animal.

E as operações referentes ao cresci e multiplicai-vos, se Adão não tivesse pecado e fosse confirmado no estado em que havia sido criado, seriam exercidas como as dos outros sentidos, sem que absolutamente participassem, como hoje, do fervor da concupiscência que precede, acompanha e arrasta a mesma alma com todas suas potências, precisamente no momento em que ele deveria entoar um hino ao Criador, unindo-se cada vez mais a Ele, para depois, sem que parasse pela morte, unir-se definitivamente.

Assim é que, o que havia de indecoroso para Adão, depois da culpa e que o levava a solidão, não era o que Deus instituiria; mas sim, o que seu pecado criara em si e transmitira a todos os seus descendentes.

Capítulo X - Paixões e maus instintos

O homem tem suas paixões e inclinações desordenadas. Submeter as más paixões os maus instintos ao domínio da razão, esclarecida pela moral cristã; eis qual é o dever e obrigação ...

(...)

...sim ela, ela era boa.

E se era boa, porque se tornou má?...

Porque, posta em provação pela tentação se tornou deficiente. Tentada, concebeu o pecado e cedendo a tentação, prevaricou.

Mas não podia Deus dispor as coisas de tal forma que a primeira mulher não pudesse ser tentada ou que, tentada e enganada pela serpente infernal, não conseguisse que seu marido incorresse na mesma culpa? Podia, não há dúvida.

Mas porque não o impediu? Porque não estava nos planos de sua economia divina, pensar e muito menos agir como nós que não temos sempre nem um mesmo

pensamento nem uma mesma vontade. E se não podemos penetrar neste mistério, é porque além de sermos seres contingentes, não possuímos aquelas noções sobrenaturais, em virtude das quais, o nos parece impossível, e repugna a razão humana, se tornaria muito claro e evidente.

Compreende-se agora, pelo que dissemos sobre a natureza da concupiscência, porque é que tendo o primeiro homem pecado, logo após a sua queda, se envergonhou de si próprio e foi-se esconder; pois, percebeu em si alguma coisa que outrora não existia, nem ele conhecia nem jamais experimentara.

E foi precisamente este triste e humilhante conhecimento, que o levou a ocultar-se. Porque de todo ser que ainda sente, se inspira e se emociona. É difícil, me direis, porém, não é tão difícil como supondes, principalmente se considerardes as tristes conseqüências da falta deste domínio, e as grandes vantagens que ele traz consigo para aqueles que empregam todos os esforços no intuito de o conseguirem.

E que o digam esses heróis do século, que, por motivos muito humano, conseguiam, em parte, enfrear as suas paixões e maus instintos. O que se faz preciso, neste caso, é descobrir a razão pela qual, não obstante a boa vontade do indivíduo, ele permanece importante ou irresoluto para reagir contra as sugestões das suas paixões desordenadas e maus instintos.

Ora, se remontarmos à origem destas ações, que depõem contra a integridade moral e racional do indivíduo, chegaremos a estas conclusões que, se assim sucede, é porque ele perdeu a sua liberdade, muito embora, pelo fato de não experimentar nenhuma reprovação ou coação, a não ser a de sua própria consciência, supõe que não perdeu a sua liberdade. Mas se ele assim procede, é porque vive num falso suposto, qual é o de pensar que a liberdade consiste em usar dela a seu bel prazer, sem atender a liceidade de seus atos.

Bem sei que para alguns, às vezes por causa da impetuosidade das paixões e o impulso dos maus instintos, se torna quase impossível agir ou reagir contra o mal. Mas, nem por isto, deverão dar-se por vencidos; porque quando não puderem resistir fisicamente, poderão, em todo caso, resistir moralmente; isto é, com a vontade.

E esta resistência será ainda mais meritória e proveitosa, quando o mal, se não em si, ao menos em causa ou indiretamente, se manifestar pela tentação.

O domínio, portanto, para que seja completo há de prevenir toda e qualquer modificação ingrata por natureza ou devido a constituição orgânica do indivíduo ou ao mau hábito adquirido.

Capítulo XI - A tentação

Tentar é sinônimo de instigar ao mal. A tentação, portanto, pressupõe um agente, que pode ser espiritual ou material. E como o homem é um composto substancial de alma e corpo, a tentação pode ter por sujeito a alma ou o corpo informado pela alma. Em todo o caso, é sempre o homem que tentado e, por conseguinte, o único responsável pelos seus atos.

Ser senhor de suas faculdades inorgânicas e orgânicas e até onde seu domínio pode estender-se, é a base sobre a qual assenta a perfeição cristã, místico arsenal de guerra onde encontramos as armas mais apropriadas e onde se combina os planos de ataque e de resistência os mais acertados e eficazes para enfrentar os inimigos de nossas almas e levá-los de vencidos.

E essas solicitações para o mal, as quais constituem verdadeiras lutas entre o homem animal e o raciocínio, só deveríamos temê-las quando as procuramos imprudentemente ou nos expormos a elas. Porém, lembremo-nos, que, ainda nestes casos, podemos afagar uma doce esperança, quando em tempo o pressentimos, e convencidos da nossa temeridade e imprudência, e temendo as suas conseqüências, nos voltamos imediatamente para Deus, sem absolutamente nos preocuparmos com o que pela mente ou o coração possa por ventura passar inclinando-nos ao mal.

Bem sei que em tal resolução, em casos como estes, pressupõe um ato heróico. Mas, nem mesmo este pensamento deve nos desanimar; porque o reconhecermos que para agir em sentido contrário, importa em um ato heróico, é já uma conseqüência de havermos cooperado a graça e que Deus combate conosco para logo após refletir, nos consolar.

É necessário, portanto, orar e vigiar constantemente; isto é, não perdermos de vista a Deus nestas emergências, afim de não cairmos ou não entrarmos em tentações. E não temamos que esta contínua vigilância e contínuo estado de prontidão para investir e resistir ao inimigo, passa com o tempo, extenuar-nos, tomando-nos menos aptos para luta; porque isto não passa senão de uma verdadeira tentação; pois, é precisamente neste estável e contínuo aparelhamento e prontidão, quando menos implícito, que repousa a garantia da vitória, da paz e da tranqüilidade de espírito.

E é justamente este fato, aparentemente contraditório, que mantém em pé de guerra as hostes aguerridas dos exércitos do Deus de Sabath.

Que importa, pois, que independentemente de nossa vontade, o mundo, a carne e satanás, procurem insidiar os nossos passos, pondo mil obstáculos a que marchemos em direção ao fim pelo qual fomos criados; ainda mesmo que como Paulo, sob a pressão da tentação, tínhamos muitas vezes de bradar aos céus que desejamos morrer nos unirmos a Cristo, se nessas horas de supremas angústias, nos ressoar aos ouvidos da alma aquelas animadoras palavras: Basta-te a minha graça, pois, é precisamente na tentação que se apura cada mais o ouro, das virtudes que conduzem à perfeição.

Capítulo XII - A segunda natureza

Tratando-se de indivíduos que criaram em si uma como segunda natureza, que os impede de proceder, de conformidade com o que crêem e professam, não obstante a boa vontade e os firmes propósitos; é preciso agir com muito critério e prudência.

Pelo que, se depararmos com indivíduos (semelhantes a estes), e percebemos que em suas palavras, pensamentos e ações, revelam alguma perversão dos mais nobres sentimentos deverão ser classificados entre os loucos parciais ou morais, os quais estão sujeitos a crises nervosas.

E neste caso, seria melhor e mais acertado que recorressem a um médico consciencioso e de sua inteira confiança, antes de os encaminharmos pelas sendas que conduzem à perfeição cristã; porque, humanamente falando, é muito difícil dirigir-se a estas criaturas, ainda depois de curadas, e ainda mais, antes de serem submetidas a um tratamento rigoroso, sobretudo quando o mal é congênito e constitui uma como tara de família ou segunda natureza adquirida.

Capítulo XIII - O médico

O médico, em virtude dos deveres inerentes à sua nobre profissão, há de ter sempre presente as condições do meio em que vive e os defeitos orgânicos naturais ou

adventícios, que por ventura possam influir, no presente e ainda mais no futuro, sobre a vida de relação psíquica e bem estar físico ou moral do indivíduo. Pelo que, depois de um estudo atento e consciencioso, deste logo lançará mão de todos os meios para corrigi-las ou a corrente mórbida das más inclinações; principalmente dos recém-nascidos, usando dos meios terapêuticos e profiláticos os mais adequados, que deverão ser postos em prática escrupulosamente e com, um certo critério, pelos pais ou por aqueles que fazem as suas vezes. Porque a educação física sob todos os aspectos, deve-se considerá-la como o lastro ou fundamento da vida e educação moral, religiosa e intelectual.

Humanamente, falando, toda e qualquer outra educação, sem a da parte orgânica, será sempre defeituosa e deficiente; porque sendo o homem um composto substancial de alma e de corpo, do bom ou mau desenvolvimento ou atrofiamento, sobretudo dos órgãos correspondentes à vida de relação, dependerá o bom ou mau funcionamento das partes que os compõem, e, por conseguinte, das operações ou funções do psiquismo racional. E daí o antigo ocasiona: *mens sana in corpore sano*.

Capítulo XIV - O mau hábito e a ociosidade

O mau hábito faz convergir para o objeto real ou imaginário, toda a atividade e energia da alma, que num dado momento, se lhe apresenta como o ponto mais atraente, e que, muitas vezes, antes que a vontade se determine, tudo se prontificará para reduzir ao ato, o que o apetite sensitivo sugeriu em virtude do mau hábito adquirido.

E nestas condições o indivíduo mais próximo do ilícito que do lícito, ser-lhe-á mais difícil retroceder do que avançar.

Caminhará, então, constrangido, tal qual como o viajante que foi surpreendido na estrada pelos ladrões, e que tolhido e arrastado pelo mau hábito, entregar-se-á. O que em tais emergências há-se de fazer, é resistir com a vontade, quando devido ao mau hábito, adquirido ou ao automatismo, se tornar fisicamente impossível resistir. Pois, o mau hábito inveterado cria no indivíduo uma espécie de dualidade, uma que reprova e clama não ser lícito; enquanto que a outra, surda às vozes da consciência e da razão, o arrasta à perdição.

Mas, nem por isto, tais indivíduos deixam de ser culpados, sempre que se puder provar ou reconhecer que eles procederam com pleno conhecimento; conquanto a violenta coação proveniente do mau hábito constituía um atenuante a seu favor.

Entre as pessoas piedosas, e que contraíram um mau hábito ou que vivem em contínuas lutas com suas paixões e maus instintos, encontram-se muitas que se expõem temerariamente e imprudentemente aos perigos se não de pecar, ao menos de entrarem em tentações, sem que não obstante isto, haja um motivo sério.

Estas pessoas se evitassem sistematicamente também estas ocasiões, as quais devido ao mau hábito, para elas constituem ocasiões próximas de pecar; estou certo que veriam, quase por encanto, diminuir as tentações e deixariam de cair em culpas graves.

A intemperança no comer e no beber, para algumas, e para todos a ociosidade, são geralmente os estados mais apropriados para semelhantes divagações ou tentações, principalmente quando se vive quase que habitualmente em ociosidade; pois, é na ociosidade que a fantasia e a memória, pondo tudo alvoroço e auxiliando-se mutuamente, desdobram a sua atividade, pregando a anarquia dos sentidos e a rebelião da carne.

É necessário, portanto, que se combata eficazmente este torpor moral da inteligência e fraqueza de vontade para com tudo que requer um pouco de esforço e mortificação, a fim de se evitar as tristes conseqüências da acídia, como também desse quebramento de forças para o trabalho, o qual prefere sempre seguir a lei do mínimo esforço.

Capítulo XV - Sobre a memória e a imaginação

A faculdade que temos de conservar e reconhecer os fantasmas ou as imagens dos objetos; chama-se memória, e a que representa e combina ou associa estas imagens, chama-se fantasia ou imaginação.

A memória, segundo que se refere a conhecimentos adquiridos pelos sentidos ou pela inteligência, dá-se os nomes de memória sensitiva ou intelectual.

Sem estas duas faculdades a vida de relação desapareceria e o homem se converteria em um aparelho puramente mecânico; porque não podemos pensar sem imaginar, nem nos é possível imaginar, sem pensar, seguindo-se daqui que, ora a memória de um lado atuando sobre a imaginação; ora a imaginação, por sua vez, atuando sobre a inteligência; ora, finalmente, uma e outra, como que coligadas, uma representando os objetos como se estivessem presentes e associando-os, e a outra,

lembrando-os e reconhecendo as suas imagens correspondentes, nos sentiremos atraídos por estes mesmos objetos ou os repeliremos, segundo que, pela experiência passada, nos são ou não convenientes ou consentâneos à nossa natureza racional.

Daqui se deduz a necessidade e o dever que temos de proceder com muito cuidado e critério em relação às operações e aos fatos destas duas faculdades, origens de todo o bem e de todo mal, que pode em si ou em seus efeitos, comprometer seriamente a nossa natureza de ser que pensa, sente e quer; pois elas representam um vastíssimo campo, onde o mérito e o demérito encontram a sua razão de ser.

Pelo que, dominar sobre a memória tanto intelectual como sensitivo, e de tal forma que não nos utilizemos dela, nem para nos lembramos de causas que nos possam ser prejudiciais e nem permitamos que se ponha em atividade espontaneamente, é perfeição muito avançada a qual pressupõe uma grave mortificação não vulgar e que muito contribuirá para sopitar eficazmente as más inclinações e deter os ímpetos das paixões desordenadas.

Assim é que, todo aquele que aspira vencer-se cabalmente e unir-se intimamente com Deus, é necessário que, desde o início de sua conversão, volte toda sua atenção e atividade espiritual para este ponto. Pois, da mortificação da memória depende a boa orientação de imaginação, porque se a memória não der asas à imaginação, ela permanecerá sempre ajuizada e comedida em seus atos, prestando-se somente ao que é útil, honesto e consentâneo à natureza racional.

Capítulo XVI - Atrativos do sexo

Não há dúvida que a diversidade de sexo, exerce uma mútua influência, que muitas vezes, se torna assaz perigosa para certas pessoas.

E é por este motivo que a Religião prega e recomenda a modéstia e a compostura tanto moral como física, principalmente ao sexo feminino e se censura esses usos, costumes e abusos com que as mulheres se exibem em público.

E não sem razão, porque, se a mulher só por si constitui um atrativo para o homem; ainda mais o atrairá, se para agradarem se apresentassem de tal forma que em vez de agradarem ao homem, como ser racional, o desagradaram; muito embora, como ser racional, não deixem de sentir-se inclinado ao mal. Porque, neste caso, não são os sentimentos que lhe vêm pela inteligência, senão pelos sentidos mal sopitados, que

prevalecem, ainda que contra sua vontade. E daí a indignação que dele se apodera contra estes abusos e falta de compostura, naquelas pessoas que deveriam primar pela modéstia e o recato.

Pelo que, lidando com estas criaturas, inconscientes instrumentos do mal, ainda que não se trate de matéria grave e nem mesmo venial, é prudente evitar tudo aquilo que de alguma forma pode tornar consciente e sensível esse pendor ou inclinação viciada, devido à culpa de origem, com relação aos atrativos do sexo; tornando-se muito fácil pecar-se não só por ações, mas principalmente por pensamentos se não se usar destas precauções.

Capítulo XVII - O sentido do tato

O sentido do tato pela sua extensão ilimitada, com relação às várias partes do organismo, pode ser considerado como um prolongamento dos centros genesianos(sic) assaz delicados, cujas apurações, em última análise, põem o homem em contato com o animal, nivelando-o e confundindo muitas vezes com ele.

Subserviente de todos os outros sentidos, não pela predileção que tenha para com eles, senão pelo próprio interesse e o desejo insaciável dos prazeres, desde a adaptação dos órgãos aos seus objetos correspondentes, até os últimos redutos dos prazeres ilícitos; foi e será sempre para o homem casto que deseja libertar-se, das peias da matéria, um dos maiores obstáculos que ele encontrará, em virtude da vida de relação física e social.

Em todo o caso, no recato para consigo mesmo e principalmente para com as pessoas de sexo diferente; na fuga, numa palavra das ocasiões, não somente próximas, mas também próximas, que devido ao temperamento ou ao mau hábito adquirido, ele encontrará um meio eficaz para não ser subjugado e arrastado pelo sentido do tato.

Capítulo XVIII - O sentido da vista

O que dissemos sobre o sentido do tato, podemos também afirmar, até certo ponto, com relação ao sentido da vista.

A vista descortina tudo, penetra em tudo e põe em alvoroço todos os outros sentidos, tanto externos como internos, e com tanta eficácia, que se torna, muitas vezes, quase que impossível reprimir-se a impetuosidade dos outros sentidos, como que acordados pelo sentido da vista. Ora, a mortificação é um dos mais adequados meios que possuímos, para reprimir as más divagações perigosas; mas para que a mortificação seja realmente eficaz, é necessário que o indivíduo a exerça, antes de tudo, para consigo mesmo, ainda que se trate de coisas aparentemente indiferentes, principalmente quando se refazem à pureza da alma e do corpo. Pois, é impossível a quem quer que seja vencer os tentações e conservar-se casto sem que use destas precauções.

E os indivíduos, que assim procedem, não são, geralmente, escrupulosos, muito embora mostrem uma consciência delicada; que, longe de as afligir, contribui para que se conduzam, em tudo, com muita prudência e reflexão, desviando logo a atenção quase que por um hábito contraído, para com toda calma e confiança concentrá-la em seu amoroso Senhor o qual eles nunca perdem de vista.

E quando se chega a este ponto no caminho da perfeição, deve-se agradecer muito a Deus por tão insigne favor. Pois, esta graça Deus Nosso Senhor costuma concedê-las as almas que lhe são muito caras, depois de as haver feito passar por longos anos, pelo cadinho das mais cruciantes provações.

Capítulo XIX - Privações necessárias

A privação de certas causas, como a prática de certos atos, torna-se necessária para quem está resolvido a praticar a virtude por algum fim sobrenatural. Porque, conquanto muitas causas não sejam por si pecados ou não excedam de pecados veniais e imperfeições inerentes a nossa natureza; contudo, devido à própria organização ou ao mau hábito adquirido, podem constituir ocasião próxima de pecar onde entrar em tentação. E neste caso, é necessário prescindir delas, e se forem necessárias, é preciso proceder com muita cautela e não exagerá-las nem estendê-las a coisas que não são absolutamente necessárias.

E se, por ventura, contra nossa vontade, formos tentados, não nos perturbemos; mas incontinentemente voltemos a nossa mente para Deus, e procuremos nos preocupar exclusivamente com certos e inevitáveis; neste caso recorram a Deus, e procurem viver como dois irmãos. E tenham por certo, que Deus não deixará de escandir

as suas súplicas, contanto que com os fatos não contradigam o que pedem com as palavras, isto é, a continência absoluta; pois, em virtude das promessas feitas por Jesus Cristo, e pelas graças anexas ao sacramento do matrimônio, seus desejos serão coroados; porque estas graças sacramentais não se referem somente à castidade conjugal, mas ainda à castidade virginal ou à continência absoluta, somos obrigados a praticá-la e a praticamos por um motivo sobrenatural.

Os médicos podem encarar as coisas sob o aspecto natural ou fisiológico, e estão em seu papel; mas nem por isto, devemos seguir, neste caso, o seu parecer; porque o que com as próprias forças e as meios terapêuticos, não se pode conseguir, com os sobrenaturais e a cooperação a graça, não só se tornará possível, mas ainda muito fácil e quase natural.

Capítulo XX - Sobre a oração

A oração constitui a mais poderosa alavanca da vida cristã. Sem a oração nada poderemos conseguir, mas se recorrermos a ela tudo poderemos obter, ainda mesmo o que nos parecia impossível. Pelo que é necessário orar sempre ainda mesmo contra toda esperança, contanto que, [confiantes] em seu poder e nas promessas de Jesus Cristo, o façamos com confiança, com humildade e perseverança.

E quando eu falo da oração constante e perseverante, não entendo referir-me a oração metódica propriamente dita; mas principalmente a oração de ocasião, que surge do fundo de nossa alma, como aquela proferida por São Pedro, quando Jesus Cristo passava por aquele sono misterioso.

É esta a oração a qual devemos nos habituar, e que sem a oração vocal e ainda mais sem a meditação ser-nos-á ao menos com fruto(sic), fazê-la.

As pessoas que se habituaram a nunca perderem de vista a Deus, quando menos implicitamente, terão durante o dia muitas ocasiões de recorrer a ela. Pelo que desde o início de sua conversão, é necessário que se habituem a ela, se por ventura, desejam progredir na virtude.

E, se por acaso, essas ações se tornarem necessárias, procedamos com prudência e sem exagerá-las, guardando muita reserva. E não nos amedrontemos; porque, o comum inimigo, geralmente, só pode tentar-nos quando encontra um ambiente apropriado.

Ora, a falta de modéstia para com nós mesmos, principalmente quando estamos sós, oferece a Satanás um ambiente muito adequado às suas infernais manobras. E em tais emergências, é bem difícil, em geral, resistir a tentação, porque fomos nós que lhe abrimos temerariamente a porta.

Capítulo XXI - Sobre a pureza da alma e do corpo

Estou plenamente convencido, pelo que tenho observado, que a castidade ou pureza da alma e do corpo, não depende somente da boa vontade e do desejo de sermos castos, senão dos meios sobrenaturais sugeridos pelos grandes mestres da vida espiritual, os quais revelam um profundo conhecimento da natureza humana e das suas tendências.

É verdade que muitos destes meios, não poderão ser postos em prática, humanamente falando, por todos, devido a certas circunstâncias independentes de nossa vontade.

Há outros, porém, que com ótimos resultados, não só podem ser postos em prática; mas devem ser praticadas por todos os que aspiram à perfeição cristã, principalmente por aqueles que outrora tinham como coisa impraticável. Pois, só, então, poderão, pela própria experiência, convencer-se com grande satisfação, que tudo, tanto na ordem natural como no sobrenatural, está sujeito a certas e determinadas leis, e que o mais que nos é dado, é colocarmo-nos em condições favoráveis, para que estas leis se verifiquem em cada um de nós.

E quando estas leis se verificarem, o indivíduo, que antes delas se manifestarem em suas ações e modo de proceder, supunha impossível que se operasse esta transformação; agora, com grande surpresa e contentamento de sua parte e edificação dos que o rodeiam, mostrar-se-á inteiramente desnudado.

Para estas criaturas a pureza da alma e do corpo, tornar-se-á tão natural, que pensarão e procederão completamente despreocupados e como que olvidas do seu próprio invólucro material, o qual, longe de as fazer gravitar para a terra, contribuirá para mais as elevar ante o conspecto(sic) divino e se conservarem sempre fiéis à sua vocação pela posse habitual da graça santificante, não obstante como outrora serem tentados muitas vezes.

Capítulo XXII - O domínio

O senhorio do homem racional sobre o homem animal, para que seja eficaz e proveitoso, há de ser consciente, voluntário, pronto, incondicional e generoso.

Sem estas condições, não nos será dado experimentarmos as inefáveis conseqüências do domínio do homem superior sobre o inferior. Porque estas condições são necessárias afim de que se verifique em cada um de nós, o aumento da capacidade de nossa alma às graças que nos são concedidas. Pois, esta capacidade já muito reduzida pela culpa de origem, ainda mais limitada se tornou devido às culpas individuais, e um dos meios mais acertados e eficazes que possuímos para ampliar a capacidade de nossa alma, consiste no completo domínio do homem racional sobre o homem animal.

Pelo que quanto mais o homem se despir de si próprio, para se unir intimamente com Deus, pela mortificação e a caridade perfeita, tanto mais ele há de argumentar a sua capacidade anímica. E quanto mais ela aumentar, tanto mais ele será capaz de receber graças ainda maiores e mais numerosas.

Assim é que, andando na razão direta a grandeza e o número das graças, com relação ao aumento da capacidade anima para recebê-las; compreende-se de quanta importância seja o domínio do homem sobre si mesmo; e, por outro lado, quão tristes não devam ser as conseqüências decorrentes da falta deste domínio, sobretudo para aquelas almas, as quais Deus se manifesta de várias formas, muito empenhado em conduzi-las ao ápice da perfeição.

Daqui ser-nos-á também muito fácil deduzir, porque tantas pessoas, aliás, muito piedosas, fazem pouco ou nenhum progresso espiritual e sentem dificuldades em se vencerem, ainda mesmo tratando-se de coisas insignificantes e porque recaem, as vezes, em culpas graves, não obstante os firmes propósitos de nunca ofenderem a Deus.

E a razão está em que elas conservam quase que a mesma capacidade anímica que possuíam antes da sua conversão. E se não obstante isto, não recaem, senão raras vezes, em culpas graves, é porque Deus, reconhecendo a sua fraqueza e incapacidade para resistirem as grandes provações, as coloca em condições tais que não venham a precipitar no mal, aguardando bondosamente o momento favorável, em que se torna difícil cair em pecado do que o se conservarem em graça, pelo aumento da capacidade anímica aos efeitos da graça.

E a prova mais evidente que podemos ter, é que estas criaturas só caem em culpas graves, quando se expõem em ocasião de pecar.

Deus as detém pelos cabelos sobre o mar tempestuoso desta vida, para que, como Pedro, apesar de seu fervor, não venham a submergir-se; pois, conquanto elas se mostram às vezes pouco generosas e prontas para repelirem logo no princípio as más tendências e inclinações; não obstante isto, elas são boas, tem fé e nunca transigem com más culpas e misérias.